



LENIN 150

BATALHA DE
IDEAS

expressão
POPULAR

LeftWord

tricontinental

LENIN 150

1ª edição

LeftWord

BRUNO DE
IDEAS

**expressão
POPULAR**

tricontinental
The International Institute for Social Research

São Paulo • 2020

Copyright © 2020 by Editora Expressão Popular

Projeto gráfico e diagramação: ZAP Design

Ao camarada Lenin em seu 150 aniversário

Tradução: Miguel Yoshida

Revisão: Lia Urbini e Aline Piva

Vladimir Ilitch Lenin

Tradução: Zoia Prestes

Revisão ortográfica da tradução: Maria Lucilia Ruy

Original: MAIAKOVSKI, Vladimir. Vladimir Ilitch Lenin.

Moskva: Sovremennik, 1975, 310 páginas com ilustrações.

As três fontes e três partes componentes do marxismo

Tradução: Eric Fischuk

“Somente alguns direitos reservados. Esta obra possui a licença Creative Commons de ‘Atribuição + Uso não comercial + Não a obras derivadas’ (BY-NC-ND)”



1ª edição: 22 de abril de 2020

EXPRESSÃO POPULAR

Rua Abolição, 201 – Bela Vista

CEP 01319-010 – São Paulo – SP

Tel: (11) 3112-0941 / 3105-9500

livraria@expressaopopular.com.br

www.expressaopopular.com.br

 ed.expressaopopular

 editoraexpressaopopular

SUMÁRIO

Nota editorial	5
Ao camarada Lenin, em seu 150º aniversário	7
<i>Vijay Prashad</i>	
Vladimir Ilitch Lenin (1924)	17
<i>Vladimir Maiakovski</i>	
As três fontes e três partes componentes do marxismo	117
<i>Vladimir I. Lenin</i>	

NOTA EDITORIAL

Em celebração aos 150 anos de Vladimir I. Ulianov, Lenin, a Expressão Popular, em parceria com a editora Batalla de ideas, Argentina, LeftWord, Índia, e o Instituto Tricontinental de Pesquisa Social, traz à luz este volume cujo objetivo é manter vivo o pensamento e o exemplo deste que foi um dos mais importantes revolucionários da história. Lenin dedicou e empenhou sua vida em construir uma nova sociedade, baseada não na exploração do ser humano pelo ser humano, mas na cooperação entre si, a partir de novos valores que têm como princípio a humanidade e não a mercadoria.

Para nós, publicar este pequeno volume em meio à pandemia global e à expressão da crise estrutural do capital que vivemos reafirma o nosso compromisso de contribuir na batalha das ideias para que consigamos transformar o mundo estabelecendo novas relações sociais com as quais possamos desenvolver todas as nossas potencialidades humanas e possamos viver pautados no princípio: “de cada um, de acordo com suas possibilidades, a cada um, de acordo com suas necessidades”, como nos disse Marx, ou seja, numa sociedade comunista, sem classes sociais.

Reunimos aqui um breve texto de Vijay Prashad, que figura como apresentação às *Obras escolhidas de Lenin* publicada pela Leftword na Índia, que traz a trajetória política e teórica de Lenin, demonstrando sua preocupação cotidiana e permanente com a construção da organização da classe trabalhadora para a revolução social; o poema “Vladimir Ilitch Lenin”, de Maiakovski, cuja escrita se iniciou logo após a morte do dirigente revolucionário, em janeiro de 1924, e finalizada em outubro deste mesmo ano; e, por fim, o breve e denso texto de Lenin “As três fontes e as três partes componentes do marxismo”, em que ele recupera as tradições das quais Karl Marx se valeu para elaborar sua teoria social, a saber: a Filosofia clássica alemã, a Economia Política inglesa e o Socialismo francês.

Agradecemos a Zoia Prestes, que solidariamente nos autorizou a publicação da sua tradução, direto do russo, do poema de Maiakovski para esta edição e a Eric Fischuk que também de forma solidária traduziu, direto do russo, o texto de Lenin.

É com esse espírito de solidariedade e internacionalismo que comemoramos os 150 anos de Lenin, certos de que construiremos uma nova sociedade a partir da organização e da ação da classe trabalhadora, tomando a experiência de todos os revolucionários da classe trabalhadora como aprendizado, e não como modelo.

São Paulo,
22/04/2020
150 anos de Lenin
Os editores

AO CAMARADA LENIN, EM SEU 150º ANIVERSÁRIO

*Vijay Prashad*¹

Vladimir Ilyich Ulyanov (1870-1924) era conhecido por seu pseudônimo – Lenin. Ele era, assim como seus irmãos, um revolucionário, o que no contexto da Rússia tsarista significou, para ele, passar muitos anos na prisão e no exílio. Lenin ajudou a construir o Partido Operário Social-Democrata russo (POSDR) com seu trabalho intelectual e organizativo. Os escritos de Lenin não estão presentes apenas em suas palavras, mas também na somatória da atividade e do pensamento dos milhares de militantes cujos caminhos cruzaram com o dele. Foi notável a habilidade de Lenin para desenvolver as experiências de militantes no reino teórico. Não por acaso, o marxista húngaro György Lukács considerou Lenin “o único teórico à altura de Marx até agora já produzido no interior da luta de libertação proletária”.²

¹ Vijay Prashad é diretor do Tricontinental: Instituto de Pesquisa Social e editor chefe da LeftWord Books (Delhi). É editor de *Lenin: Selected Writings [Lenin: obras escolhidas]*, New Delhi: LeftWord Books, 2018.

² G. Lukács. *Lenin*. Um estudo sobre a unidade de seu pensamento. São Paulo: Boitempo, 2012, p. 33.

Construindo uma revolução

Em 1896, quando greves espontâneas irromperam nas fábricas de São Petersburgo, os socialistas-revolucionários foram pegos de surpresa. Eles não sabiam o que fazer; estavam desorientados. Cinco anos depois, V. I. Lenin escreveu: os “revolucionários atrasaram-se em relação a esse movimento ascensional tanto nas suas ‘teorias’ quanto na sua atividade, não conseguiram criar uma organização permanente que funcionasse continuamente, capaz de *dirigir* todo o movimento”.³ Lenin sentiu que esse atraso deveria ser corrigido.

A maior parte dos principais escritos de Lenin seguiram essa ideia. Ele explorou as contradições do capitalismo na Rússia (*O desenvolvimento do capitalismo na Rússia*, 1896),⁴ que lhe permitiu compreender como o campesinato no vasto império tsarista possuía um caráter proletário. Foi baseado nisso que Lenin defendeu a aliança operário-camponesa contra o tsarismo e os capitalistas. Quando a Revolução Russa de 1905 estourou, Lenin foi ao *Novaya Zhizn*⁵ (12 de novembro de 1905) para argumentar que “resquícios da servidão” impunham “um fardo cruel em toda massa do campesinato”; os “proletários sob sua bandeira vermelha”, ele escreveu, “declararam guerra contra este fardo”. Não foi suficiente, segundo Lenin, os trabalhadores da cidade lutarem pelas demandas camponesas, e não foi

³ V. I. Lenin. *Que fazer?* Problemas candentes do nosso movimento. São Paulo: Expressão Popular, 2015, p. 105-10.

⁴ V. I. Lenin. *Desenvolvimento do capitalismo na Rússia*. São Paulo: abril cultural, 1982.

⁵ *Nova Vida*, jornal editado pelos bolcheviques durante novembro e dezembro de 1905. Foi o primeiro jornal legal do Partido Social-Democrata Russo, seu editor foi Maxim Litvinov. Posteriormente, em 1917-1918 uma publicação com o mesmo nome voltou a ser editado, primeiro em Petrogrado e depois em Moscou pelos mencheviques.

suficiente as demandas independentes do campesinato por terra serem atendidas; o que era necessário era aprofundar a unidade entre os trabalhadores do campo e da cidade na luta “contra o domínio do capital” e pelo socialismo. Não havia sentido em ser ingênuo com relação ao fato de que havia relações de classe no interior do “campesinato”, e que os pequenos proprietários tinham seus interesses de classe inerentes a suas pequenas empresas privadas. O estudo de Lenin enfatizou a diferenciação do campesinato para entender que os pequenos proprietários tinham uma lealdade de classe mais próxima aos senhores de terra em termos de defesa da propriedade privada e do direito de explorar os trabalhadores rurais sem terra. Lenin viu com uma clareza cristalina que o desenvolvimento da unidade operário-camponesa tinha de compreender as complexidades do campo, caso contrário o movimento pelo socialismo se desviaria para uma direção pequeno-burguesa.

Outros adversários do tsarismo, além dos bolcheviques (como os social-democratas, os *narodniks*, os socialistas-revolucionários [eseristas] e os mencheviques), não avançaram até o projeto socialista. Lenin entendeu, a partir do seu compromisso com a luta de massas e com suas leituras teóricas, que os social-democratas – como a fração mais liberal da burguesia e dos aristocratas – não eram capazes de dirigir uma revolução burguesa, quem diria um movimento que levaria à emancipação do campesinato e dos operários. Sua contribuição teórica foi elaborada em *Duas táticas da social-democracia na revolução democrática* (1905).⁶ As *Duas táticas...* talvez seja o primeiro grande tratado marxista que demonstra a necessidade de uma revolução socialista, mesmo em um país “atrasado”, onde os trabalhadores e os camponeses

⁶ Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/lenin/1905/taticas/index.htm>

precisariam se unir para derrubar as instituições da servidão e levar a sociedade ao socialismo.

Estes dois textos, o de 1896 e o de 1905, mostram Lenin evitando a visão de que a Revolução Russa poderia saltar sobre o desenvolvimento capitalista (como os populistas – *narodniks* – sugeriam) ou que ela deveria passar pelo capitalismo (como os democratas-liberais – os *kadetes*, por exemplo – defendiam). Nenhuma das duas vias era possível ou necessária. O capitalismo já havia se introduzido na Rússia, um fato que os populistas não reconheciam; e podia ser superado por uma revolução operário-camponesa, um fato do qual os democratas-liberais discordavam. A revolução de 1917 e a experiência soviética demonstraram a correção do argumento de Lenin.

Tendo estabelecido que as elites liberais não seriam capazes de dirigir uma revolução operário-camponesa, ou sequer uma revolução burguesa, Lenin voltou sua atenção à situação internacional. Em seu exílio na Suíça, Lenin assistiu como os social-democratas capitularam ao belicismo em 1914 e levaram a classe trabalhadora para a guerra. Rosa Luxemburgo, igualmente desapontada, escreveu: “trabalhadores do mundo unem-se em tempos de paz; em tempos de guerra cortam as gargantas uns dos outros”.⁷ Frustrado pela traição dos social-democratas, Lenin escreveu um importante texto – *Imperialismo: estágio superior do capitalismo* (1916)⁸ – que desenvolve uma compreensão lúcida do crescimento do capital financeiro e de empresas monopolistas, assim como os conflitos intercapitalistas e interimperialista. Foi neste texto que Lenin explorou as limitações dos movimentos socialistas no Ocidente,

⁷ Rosa Luxemburgo. *Rebuilding the International* [A reconstrução da internacional], 1915.

⁸ V. I. Lenin. *Imperialismo, estágio superior do capitalismo*. São Paulo: Expressão Popular, 2012

com a aristocracia operária fornecendo uma barreira à militância socialista; e o potencial da revolução no Oriente, onde o “elo mais débil” na corrente imperialista poderia ser encontrado. Os cadernos de Lenin mostram que ele leu 148 livros e 213 artigos em inglês, francês, alemão e russo para esclarecer o seu pensamento sobre o imperialismo contemporâneo. Uma compreensão lúcida do imperialismo deste tipo garantiu que Lenin desenvolvesse uma posição marcada sobre o direito das nações à autodeterminação, tanto fazia se estas nações estivessem dentro do império tsarista ou em qualquer outro império europeu. O núcleo do anticolonialismo da URSS – desenvolvido na Internacional Comunista (Komintern) – situa-se aí.⁹

O termo “imperialismo”, tão central para a expansão da tradição marxista por parte de Lenin, se refere ao desenvolvimento desigual do capitalismo em uma escala global e ao uso da força para manter essa desigualdade. Determinadas partes do planeta – principalmente aquelas que tiveram um passado colonial – permanecem em uma posição de subordinação, com sua habilidade para construir uma agenda de desenvolvimento nacional independente restringida pelos tentáculos do poder político, econômico, social e cultural internacional. Em nossos dias, surgiram novas teorias que sugerem que as novas condições não podem mais ser compreendidas pela teoria do imperialismo leninista. Antonio Negri e Michael Hardt, por exemplo, argumentam que não há mais rivalidade geopolítica restante, que há apenas uma extensão da soberania da constituição dos EUA em escala mundial. Isso é o que eles chamam de Império. O que o

⁹ Riddell, John; Prashad, Vijay and Mollah, Nazeef (eds.). *Liberate the Colonies. Communism and Colonial Freedom, 1917-1924 [Liberar as colônias. Comunismo e Liberdade colonial]*. New Delhi: LeftWord Books, 2019.

povo – a multidão – deve fazer, eles sugerem, é contestar sobre os termos desta constituição, mas não o fato de sua aspiração global. Outros argumentam que o mundo se achatou, então já não há mais um Norte global que oprime um Sul global, e que as elites de ambas as regiões são partes da ordem capitalista global. Esse é o tipo de teoria que Karl Kautsky desenvolveu sob o nome de “ultraimperialismo”. Lenin respondeu certeira­mente a Kautsky e a esta teoria do “ultraimperialismo” dizendo que este notou que “a dominação do capital financeiro *atenua* a desigualdade e as con­tradições da economia mundial, quando, na realidade, as *acirra*”.¹⁰ Elementos do texto de Lenin são, é claro, datados – foi escrito há 100 anos – e precisariam ser cuidadosamente retrabalhados. Mas a essência da teoria é válida: a insistência na tendência das empresas capitalistas se tornarem monopólios, a crueldade com que o capital financeiro drena a riqueza do Sul global e o uso da força para conter as ambições dos países do Sul em planejar sua própria agenda de desenvolvimento.

Por fim, entre 1893 e 1917, Lenin estudou cuidadosamente as limitações do partido de velho tipo – o partido social-democrata. Se você dedicar algum tempo às *Obras escolhidas*¹¹ de Lenin durante as décadas antes da Revolução Russa de 1917, você encontrará milhares de artigos e relatórios sobre como fortalecer o trabalho de massa e a construção do partido. Em “Nosso programa”¹² – texto de Lenin de 1899 –, ele enfatiza que o partido deve estar

¹⁰ V. I. Lenin. *Imperialismo, estágio superior do capitalismo*. São Paulo: Expressão Popular, 2012, p. 131. Ver também Karl Kautsky, ‘Ultraimperialismo. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/kautsky/1914/09/11-1.htm>.

¹¹ As *Obras escolhidas* em português foram editadas, em Portugal, pela editora Avante!, e no Brasil pela editora Alfa-Omega. Alguns dos textos desta seleção, conforme a edição portuguesa, estão disponíveis em <https://www.marxists.org/portugues/lenin/escolhidas/index.htm>

¹² Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/lenin/1899/09/programa.htm>

envolvido em atividade contínua e não depender de explosões espontâneas ou iniciais. Essa atividade contínua traria o partido para um contato íntimo e orgânico com a classe trabalhadora e o campesinato, bem como ajudaria a germinar os protestos que então poderiam assumir um caráter de massas. Foi esta consideração que levou Lenin a desenvolver sua compreensão do partido revolucionário em *Que fazer? Problemas candentes do nosso movimento* (1902).¹³ Lenin desenvolveu ideias fundamentais para a construção de um partido operário-camponês, incluindo o papel dos operários com consciência de classe como a vanguarda do partido e a importância da agitação política entre os trabalhadores para desenvolver uma consciência política genuinamente poderosa contra *toda* tirania e *toda* opressão. Os trabalhadores precisam *sentir* a intensidade da brutalidade do sistema e a importância da solidariedade.

Estes textos – de 1896 a 1916 – prepararam o terreno para que os bolcheviques e Lenin compreendessem como funcionar durante as lutas em 1917. É como uma medida da confiança de Lenin nas massas e em sua própria teoria que ele escreveu sua audaciosa brochura “Os bolcheviques devem conservar o poder de Estado?”¹⁴ poucas semanas antes da tomada do poder. E, conforme os acontecimentos se desenrolaram em 1917, Lenin constantemente tentou teorizar a dinâmica da transformação. A Revolução de Fevereiro de 1917 derrocara o tsar e levava ao poder os liberais. Lenin identificou dois desenvolvimentos de igual importância: primeiro, que os liberais – sob Kerensky – estavam se preparando para trair os objetivos revolucionários e levar a Rússia

¹³ V. I. Lenin. *Que fazer? Problemas candentes do nosso movimento*. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

¹⁴ Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/lenin/1917/10/14.htm>

novamente para a guerra, e, conseqüentemente, manter todo o sistema tsarista; segundo, que o proletariado revolucionário – e seus principais partidos – permaneceram alertas e ativos, e haviam fortalecido sua forma política por meio dos soviets. Os soviets, controlados por operários e camponeses, se tornaram um centro do “poder dual” contra a Duma (parlamento) controlada pelos liberais. Isso significou para Lenin – como ele escreveu em diversos textos neste período — que os soviets tinham de defender os objetivos revolucionários e tomar o poder. Em setembro de 1917, Lenin escreveu que, para o marxismo, a “insurreição é uma arte”; Lenin e os bolcheviques organizaram suas forças; em outubro de 1917 eles atacaram e levaram a cabo a Revolução Russa de 1917.

Construindo um Estado

Nenhuma revolução está “completa” apenas tomando o poder. Havia muito trabalho a ser feito imediatamente depois de Lenin e seus camaradas assumirem o controle do Estado tsarista derrocado. Uma leitura detida de *O Estado e a revolução* (1918),¹⁵ de Lenin, antecipa os problemas enfrentados pelos soviets em sua nova tarefa – eles podiam herdar a estrutura de Estado, mas tinham de “demolir o Estado”, construir um novo conjunto de instituições e uma nova cultura institucional, criar uma nova atividade dos funcionários com relação ao Estado e à sociedade.

O texto mais importante aqui é *As tarefas imediatas do governo soviético* (abril de 1918),¹⁶ que desenha a agenda da URSS em seus primeiros anos. Os outros textos mostram a atitude geral de Lenin com relação à construção do Estado e os desafios enfrentados pela

¹⁵ V. I. Lenin. *O estado e a revolução*. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

¹⁶ Cf. em V. I. Lenin. *Lenin e a revolução de outubro*. Textos no calor da hora (1917-1923). São Paulo: Expressão Popular, 2017, p. 307-355. Também disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/lenin/1918/04/26.htm>

URSS – cercados pelos poderes hostis – neste período. O “Melhor pouco, porém bom” (1923),¹⁷ de Lenin, escrito já no fim de sua vida, é um dos mais honestos e sensatos textos sobre os problemas enfrentados pelo novo governo e pela sociedade.

Em sua última aparição pública – no soviete de Moscou em 20 de novembro de 1922 – é possível ver a personalidade de Lenin por inteiro. Há a confiança de Lenin e sua humanidade; há a honestidade de Lenin e sua ambição:

Ainda temos a antiga máquina, e nossa tarefa agora é remodelá-la com novos contornos. Não podemos fazê-lo de uma vez, mas devemos fazê-lo de modo que os comunistas que temos estejam bem distribuídos. O que nós necessitamos é que eles, os comunistas, controlem a máquina para a qual foram designados, e não, como costuma acontecer conosco, que a máquina os controle. Não devemos guardar segredo com relação a isso e devemos falar disso francamente. Tais são as tarefas e as dificuldades diante de nós – e isso em um momento quando tivermos iniciado nosso caminho prático, quando não devemos abordar o socialismo como se ele fosse um ícone pintado em cores festivas. Devemos tomar a direção correta, devemos assegurar que tudo está verificado, que as massas – toda a população – vejam o caminho que nós seguimos e digam: ‘Sim, isso é melhor que o antigo sistema’. Essa é a tarefa que nos colocamos. Nosso partido, um pequeno grupo de pessoas em comparação com a população total do campo, assumiu essa tarefa. Esse pequeno núcleo se colocou a tarefa de refazer tudo, e o fará. Nós provamos que isso não é uma utopia, mas uma causa pela qual o povo vive. Todos vimos isso. Isso já está sendo feito. Devemos refazer as coisas de tal modo que a maior parte das massas, os camponeses e os operários dirão: ‘Não são vocês que se elogiam, somos nós. Nós dizemos que vocês alcançaram resultados esplêndidos, após o que nenhuma pessoa inteligente jamais sonhará em voltar para o antigo’. Nós ainda não chegamos a esse ponto [...] o socialismo já não é mais algo de um futuro distante, ou uma pintura abstrata, ou um ícone. Nossa opinião com relação a ícones é a mesma – bastante negativa. Nós trouxemos o socialismo para a vida cotidiana e devemos ver aqui como as questões se mantêm. Essa é a tarefa de hoje, a tarefa de nossa época.¹⁸

¹⁷ Cf. em *Ibid.*, p. 571-589

¹⁸ V. I. Lenin, “Discurso no Plenário do Soviete de Moscou”. Em: V. I. Lenin. *Obras escolhidas*, vol. 3.

Em 1921, a saúde de Lenin havia se deteriorado de forma dramática. Em maio de 1922, ele sofreu seu primeiro infarto. Ele morreu em 21 de janeiro de 1924 aos 53 anos. Mais de um milhão de pessoas vieram homenagear Lenin por três dias frios em janeiro, antes dele ser posto em um mausoléu na Praça Vermelha, onde seu corpo permanece.

Tudo o que Lenin escreveu há 100 anos não deve ser tomado como um evangelho. É um guia. As circunstâncias mudam, os desenvolvimentos devem ser estudados cuidadosamente. Foi Lenin quem nos ensinou que “o fundamental, a alma viva do marxismo [é] a análise concreta de uma situação concreta”.¹⁹ O que aprendemos com Lenin é o seu método e sua disciplina, sua aguda consciência de classe em termos de sua compreensão da política. As revoluções não se repetem em todas as suas particularidades, nem os processos revolucionários. Diferentes conjunturas históricas e situações concretas necessitam diferentes dinâmicas revolucionárias históricas. Nós temos Lenin sobre nossos ombros; ele é nossa inspiração e modelo.

¹⁹ V. I. Lenin “Kommunismus”, periódico da Internacional Comunista. Junho de 1920.

VLADIMIR ILITCH LENIN (1924)

Vladimir Maiakovski

Ao Partido Comunista Russo dedico

É hora –
 início
 a história de Lenin.
Não porque
 não há mais
 desgraça,
é hora
 porque
 uma tristeza brusca
virou uma dor
 clara e consciente.
É hora,
 novamente
 os lemas de Lenin em turbilhão.
Não devemos
 nos derramar
 em poças de lágrimas, –
Lenin
 ainda
 está mais vivo do que os vivos.

Quem é
e de onde?
Por que
é
tão honrado?
Palavra por palavra
puxando pela memória
não direi
a ninguém –
vá para o seu lugar.
Como é pobre
no mundo
a oficina da palavra!
Onde a mais adequada
pegar?
Temos
sete dias,
temos
as horas que são doze.
Impossível viver
mais longo que si.
A morte
não sabe pedir desculpas.
Se
com as horas é ruim,
se é pequena
a medida do calendário,
nós falamos –
“época”,
nós falamos –
“era”.

Nós
dormimos
à noite.
De dia
realizamos atos.
Gostamos
de malhar
em
ferro frio.
E se
por todos pôde
direcionar
os fluxos dos fenômenos,
nós falamos –
“profeta”,
nós falamos –
“gênio”.
Nós
não temos queixas, –
não nos chamam –
não nos metemos,
somos admirados
por nossa esposa,
e com isso
estamos satisfeitos até não poder mais.
Se estás
de corpo e alma fundidos,
encara-nos;
um desconhecido
espionamos –
“aparência de rei”,

nos admiramos –

“dom de deus”.

Dirão assim, –

revelou-se

nem sábio, nem tolo.

As palavras em suspense

fluirão feito fumaças.

Nada

conseguirás

dessas cascas de ovo.

Imperceptíveis

às mãos e à cabeça.

Como é possível

medir Lenin

com essa medida!

Pois com os olhos

via

a cada um –

a “era”, essa

passava pelas portas,

sem

bater com a cabeça

no umbral.

Será que

sobre Lenin também:

“líder

por graça divina”?

Se ele

fosse

real e divino,

eu

de raiva
 não temeria,
 eu
 me poria
 través à marcha,
 través
 das reverências e multidões.
 Eu
 encontraria
 palavras
 para praguejar o vozeirão
 e, enquanto
 pisoteado,
 eu
 e o grito meu,
 lançaria
 ao céu
 blasfêmias,
 no Kremlin
 com bombas
 de metal:
 Fora!
 Mas, são firmes
 os passos de Dzerjinski
 ao caixão.
 Hoje
 poderia
 sair dos postos
 o TcheKa.¹

¹ Tchezvitchaini Komitet (Tcheka) – Comitê Extraordinário dos Comissários dos Povos (N. da T.).

Diante de milhões de olhos,
e dos meus
dois,
apenas caramelos congelados de lágrimas,
grudados
às bochechas.

Para Deus
as honras oficiais
não são novidade.

Não!
Hoje
de dor verdadeira
gele, coração.

Estamos
enterrando
a pessoa mais terrestre
de todas
que passaram
pela Terra.

Ele é terrestre,
mas não daqueles
que com um olhar
fixam-se
em seu umbigo.

Abraçando
a terra
toda de uma só vez,
viu
o que
ficava encoberto pelo tempo.

Ele, como vocês

e eu,
é o mesmo,
apenas,
pode ser que
próximas dos olhos
as ideias
mais que em nós
enrugam a pele,
e são mais risonhos
e mais firmes os lábios
do que os nossos.
Não é a rigidez de um sátrapa,
do carro triunfal
que passou
por ti,
puxando as rédeas.
Ele
nutria
pelo companheiro
um carinho humano.
Ele
se erguia
contra o inimigo
mais firme que ferro.
Conhecia ele
fraquezas
que conhecemos,
como nós,
superava doenças.
Digamos,
a bilharda em mim –

o xadrez para ele – faz crescer o olho,
é mais útil aos líderes.
E do xadrez
ao passar para o inimigo ao vivo,
transformando em gente o exército que era de peões,
tornava-se trabalhadora-ditadura humana
sobre a torre da prisão e do capital.
Para ele e nós
o mesmo é valioso.
Então,
por que o que está distante dele,
eu
minha vida,
de vez bobo por encantamento,
por sua respiração entregaria?!Não apenas eu!
Não sou o melhor!
Não precisaria chamar,
apenas abriria a boca –
quem de nós

ficou rouco
do apito de luto.
As lágrimas de neve
das pálpebras avermelhadas
das bandeiras.
O que ele fez,
quem é ele
e de onde –
esse
mais humano dos humanos?
É breve
e até os últimos instantes
conhecemos a
vida
de Ulianov.
Mas, a vida longa
do camarada Lenin
é preciso escrever
e descrever novamente.
Há muitos e muitos anos,
há uns duzentos,
correm
as primeiras
notícias sobre Lenin.
Estão ouvindo –
é de ferro
e blindada,
cortando
os séculos antigos
a voz
do bisavô

Bromlei e Gujon² –
o primeiro navio a vapor?
O capital,
 sua majestade,
 não coroado,
 nem casado,
anuncia
 a conquista
 da força da aldeia.
Assaltava a cidade,
 varria, roubava,
torrava
 as panças dos caixas,
e nas máquinas
 a magra e corcunda
classe operária
 se posicionava.
E já
 ameaçava,
 levantando suas chaminés ao céu:
– Conosco
 até o ouro
 fazem suas pontes.
Nós pariremos,
 enviaremos,
 mas um dia chegará
o homem,
 lutador,

² Bromlei e Gujon – grandes fábricas metalúrgicas de São Petersburgo e Moscou (N. da T.).

punidor,
vingador! –
E já
as nuvens e as fumaças
se mesclaram,
como se fossem
soldados
da mesma tropa.
Os céus
duplicam-se,
As fumaças
encobrem as nuvens.
As mercadorias
aumentam,
entre os pobres pairam.
O diretor,
diabo careca,
estalou o ábaco,
resmungou:
“crise!”
e pendurou a palavra
“demissão”.
Pulverizou
com doce
a plantação das moscas,
o trigo
em semente
está mofando nos silos,
mas nas vitrinas

as plantações douradas
o negro
chicoteado mugiu:
– U-u-u-u-u,
u-u-u!
Nilo meu, Nilo!
Aproxime
e afaste
dias negros!
Para que ficassem mais negros
do que em sonho,
e o incêndio fosse
mais vermelho que esse sangue.
Para que em todo esse café,
fervido de uma vez,
cozinhassem os pançudos –
pretos e brancos.
Cada
dente arrancado
de elefante –
espete em sua carne,
no coração espete.
Para que os bisnetos
não derramem
sangue em vão,
surja,
protetor rosto de sol.
Eu me findo, –
o deus das mortes
veio e me chamou.
Lembre-se

quando jovem
era um rapaz
até interessante:
primeiro a trabalhar –
e não temia então,
que o trabalho
sujasse sua camisa.
O tricô feudal
lhe era estreito!
Cabia
tão bem
como cabe hoje.
O capitalismo
com revoluções
floresceu
em sua primavera
e até
cantava a “Marselhesa”.
Pensou e
inventou
uma máquina.
Pessoas,
e as outras também!
Ele,
pelo universo
a perder de vista
de operários,
procriou
filhos.
De vez
reinados

e condados devorou
com suas coroas
e suas águias.
Engordou
feito uma vaca bíblica
ou touro,
lambe os lábios.
A língua é o parlamento.
Com os anos
enfraqueceu
o aço dos músculos,
ficou mais bondoso
e inchou,
assim também
com o decorrer do tempo
ficou
igual ao seu livro-mestre.
Levantou um palácio –
jamais visto!
O pintor –
não está só! –
subiu pelas paredes.
O chão é imperial,
o teto em rococó,
Os armários –
de Ludovico XIV,
o Quatorze.
Em torno,
com o rosto,
e a mesma coisa
ser rosto

ou ser nádega,
a polícia
com cara de traseiro.
A alma é surda
à cor e
à canção,
como as
flores para a vaca
no vale.
Ética, estética
e outras bobagens –
é simples –,
é sua
a serviçal feminina.
Ele
o paraíso e
o inferno –
vende
às velhas,
buracos
dos pregos
da cruz do Senhor
e a pena
do rabo
do espírito santo.
Finalmente,
ele também
se superou,
por ele
o escravo trabalha.
Apenas engordando,

o capitalismo inchou
comendo e dormindo,
e flácido ficou.

Flácido
deitou-se
na história a caminho
do mundo,
como sua cama fosse.

Não dá para contornar,
nem desviar,
a única saída –
é explodi-lo!

Sei,
o lírico
se crispará amargamente.

O crítico
correrá
para surrar com a varinha:
– Onde está a alma?!

Isso é
retórica!

E a poesia?
Apenas publicidade!! –

O capitalismo –
não é uma palavra elegante,
muito mais elegante soa –

“rouxinol”,
mas eu
voltarei a ele
de novo e de novo.

Levante

a estrofe com o lema agitador.
Vou escrever
sobre aquilo
e sobre isso,
mas agora
não é hora
de prosas de amor.
Eu
toda minha
força sonora de poeta
entrego a você,
classe em ataque.
O proletariado –
é sem jeito e estreito
para
quem
o comunismo é uma cilada.
Para nós
essa palavra –
é uma música potente,
capaz de
levantar os mortos
para a batalha.
Os andares
já
estão se remexendo, tremendo,
o grito dos subsolos
sobe pelos andares:
– Vamos romper
os céus
no azul escancarado.

Passaremos
através do poço de pedra.
Nascerá.
Dessas tarimbas
um filho de operário –
líder do proletariado. –
O globo
terrestre
é pequeno para eles.
A mão,
pesada
de anéis,
estende
o gordo
corpanzil do capital
para esganar
o pescoço de alguém.
Marcham,
rangendo com o ferro
e disfarçando.
– Matem!
Para dois burgueses está apertado! –
Cada vila –
é um túmulo irmão,
as cidades –
são fábricas de próteses.
Acabou –
as mesas
de chá foram postas.
A vitória
é um bolo na mesa.

– Ouçam
a profecia dos túmulos,
as castanholas das muletas!
Novamente
nos
virão
na realidade da guerra.

Essa
culpa
o tempo não perdoará.
Ele acertará as contas,
virá
e anunciará
guerra
a vocês
e a guerra de vocês! –

Brotarão
sobre a terra
lagoas de lágrimas,
estão muito
intransponíveis
os pântanos de sangue.

Reverenciavam
os sonhadores solitários
sobre a decisão
de utopias impensáveis.
racharam
em vidas
cabeças os filantropos.

Será
que o caminho de milhões –

são as trilhas dos filantropos?
 Já é
 fraco
 o próprio capitalista,
 de tal forma
 a
 máquina se agitou, –
 que seu regime
 o carrega
 como uma folha amarela,
 de crises
 e de caos das greves.
 – Em que bolso
 derramamos
 a lava dourada?
 Com quem ir
 e a quem culpar? –
 A classe de milhões de cabeças
 concentra o olhar –
 para entender a si mesma.
 O tempo
 roubava
 horas
 do capital,
 atravessando
 a claridade dos projetores.
 O tempo
 gerou
 o irmão Carlos
 o irmão
 mais velho de Lenin,

Marx.

Marx!

surge aos olhos
das molduras do retrato grisalho.

Como

sua vida
está distante das imagens!

As pessoas

veem
emparedado no mármore,

com gesso

um velho gélido.

Mas quando

pela trilha revolucionária

os operários

davam
seu primeiro

passinho,

oh, com que

incrível
fornalha

Marx

acendeu

seu coração

e sua ideia!

Parecia que

ele próprio
estava em cada fábrica

de pé,

como se

cada trabalho

sobre a Moscou vermelha.
Amadureciam,
os dias maturavam,
como melões,
o proletariado
tornava-se adulto
e o moleque cresceu.
Os baluartes
íngremes
do capital
lavam em enxurrada
e retalham.
Em alguns
anos
à distância
quantas trovoadas
bramem
e se intensificam.
Se finda
com levante
o ódio intenso,
as revoluções
aumentam
após explosões dos levantes.
É severa
a insubmissão
dos burgueses enraivecidos.
Estraçalhados por *terrieres*,
uivando e gemendo,
as sombras dos tataravós
comunardos de Paris,

O capital
 como um porco espinho de contradições
crescia e
 se fortalecia,
 espetando com baionetas.

O fantasma
 do comunismo
 encontrou na Europa,
partiu
 e novamente
 sinalizava à distância...

Por tudo isso
 nas profundezas de Simbirsk
nasceu
 um menino comum,
 Lenin.

Eu conhecia um operário.
 Ele era analfabeto.

Nunca sequer o alfabeto
 conheceu.

Mas ele ouviu
 como falava Lenin,
e ele
 sabia – tudo.

Eu ouvi
 uma história
 de camponês-siberiano.

Tomaram,
 defenderam com baionetas
 como no paraíso
 dividiram a vilazinha.

Não leram
e não ouviram Lenin,
mas eram
leninistas.
Eu vi montanhas –
nelas
não crescia arbusto.
Apenas
nuvens
nas rochas
caíam de lado.
E em cem milhas
numa única cidade
brilhavam
os farrapos
com *bottom* leninista.
Dirão –
isso
são ais dos alfinetes.
As senhoritas
os espetam
por firulas da coquetice.
Não é um alfinete espetado –
é o *bottom*
que queimou nas camisas
o coração,
cheio
de amor por Ilitch.
Isso é
impossível explicar
aos bíblicos eslavos das sacristias,

no céu
em batida.
Mas a servidão
nas máquinas fabris
doía mais
que os trabalhos forçados.
Houve países
bem mais ricos,
mais belos eu vi
e mais inteligentes.
Mas uma terra
com maior dor
jamais
eu
conheci.
É, e nem todo
tapa
pode ser apagado da face.
O grito se fortalecia:
– Levantem-se
por toda a terra e pela
liberdade!
Não pegam
os rebeldes –
sozinhos
a bomba
e o revólver.
Seria bom
cravar o tsar
com balas!
Mas, se

venceremos,
mas nós
iremos por caminho outro! –
Vejam os monumentos –
estão vendo
a estirpe de heróis!
Seria Gogol,
mas você
o enaltece com coroa.
Não foi esse
heroísmo braçal
e diário
que sobre seus ombros
pôs Ilitch.
Ele junto
ensina na bocarra da fornalha
como agir
para que o salário
aumentasse em cinco.
O que fazer
se
o mestre briga.
O que fazer
para que o patrão
matasse a sede.
Mas o objetivo final
não é bobagem:
ao vencer,
não fique assim
sobre a poça
formada.

O socialismo é o objetivo.

O capitalismo é o inimigo.

Não é a vassoura,

a arma é o fuzil.

Mil vezes

a mesma coisa

ele prega

no ouvido surdo

e amanhã

cada um erguerá

as mãos

que entenderam as duas.

Ontem foram quatro,

hoje são quatrocentos.

Escondemo-nos,

mas amanhã

vamos de peito aberto,

e esses

quatrocentos

serão mil.

Com trabalhadores do mundo

levantaremos em rebelião.

Já não somos

mais silenciosos que a água

e mais rentes que o mato,

o ódio dos trabalhadores

se adensa em nuvem.

Corta

com os raios

dos livros de Ilitch.

Derrama

granizo
de proclamações e folhetos.
Batia
em Lenin
a classe obscura,
fluía
dele
para o esclarecimento,
e, envolto
na força
e nas ideias das massas,
com a classe
Lenin
cresceu.
E já
se transforma em lenda
aquilo
o que o jovem
Lenin jurou:
– Não
estamos sós,
somos
– a união de luta
pela libertação
da classe trabalhadora.
O leninismo caminha
cada vez mais
para frente
ampliando
com os alunos
da prova de Ilitch.

depois de você

lavaram a câmara

e varreram.

“Serviu pouco, mas honestamente
pelo bem da terra natal”.

Em quais dos exílios

Lenin gostou

dessa canção

com força de luto?

Diziam –

o mujique

segue seu caminho

fará

o socialismo

simples e sem subterfúgios.

Não,

a Rússia também

das chaminés

transforma-se em cem chifres.

A cidade

deixou a barba cinza crescer.

Não pedirão para entrar no paraíso –

por favor,

entrem –

através do defunto da burguesia

o passo do comunismo.

Aos cem milhões de camponeses

o proletariado é guia.

Lenin –

é líder do proletariado.

O liberal promete

ou o esserinho⁸ ágil,
na verdade gosta de pescoços de operários, –
Lenin
 as frases
 dele
 rasgará até as linhas
para que
 brilhasse
 em sua nobre nudez.
E para nós
 não bastam as conversinhas ociosas,
mais que a liberdade,
 mais que a pessoas irmãs –
estamos
 de prontidão marxista,
um,
 para o mundo,
 partido bolchevique.
Cruza
 a América
 num vagão expresso.
passa
 por Tchurrloma,
 seus
olhos
 são perfurados
 pelo PCR⁹
E entre parênteses

⁸ Diminutivo de esser – socialista revolucionário (N. da T.)

⁹ PCR – Partido Comunista Russo (N. da T.).

um pequeno “b”.

Agora
Pulkovo
caça Marssov
dedilhando
a urna celestial.

Mas, para o mundo
essa
letra em linha
é cem vezes mais vermelha,
mais grandiosa
e brilhante.

As palavras
aqui
até a mais importante
tornam-se hábito,
envelhecem como vestidos.

Quero
fazer brilhar novamente
A majestossíssima palavra
“PARTIDO”.

Uma unidade!
Quem dela precisa?!

A voz de uma unidade
é mais fina que um pio.

Quem a ouvirá? –
Apenas sua mulher!

E mesmo
se não estiver na feira,
mas por perto.

O Partido –

é
um furacão único,
prensado de vozes
baixas e finas,
ele
rompe
os reforços do inimigo,
como
os tímpanos
no bombardeio.
É ruim
para a pessoa
quando está só.
É triste para quem está só,
um só não é guerreiro –
cada dúzia
é seu senhor,
e até mesmo os fracos
se estiverem em dois.
Mas
se no partido
juntaram-se os pequenos –
renda-se, inimigo,
pare
e deite!
O partido –
é uma mão de muitos dedos,
serrada
num único
punho ameaçador.
Uma unidade – é um absurdo,

uma unidade – é zero,
um –
até mesmo se for
muito importante –
não levantará
um simples
tronco de cinco polegadas,
muito menos
um prédio de cinco andares.
O Partido –
é
um milhão de ombros,
um a um
unidos estreitamente.
Elevaremos ao céu
as fileiras
do partido,
apoiando
e levantando uns aos outros.
O Partido –
é a espinha dorsal da classe trabalhadora.
O Partido –
é a imortalidade de nossa causa.
O Partido –
é o único,
que não me trairá.
Hoje sou empregado,
mas amanhã
estarei apagando um reino do mapa.
O cérebro da classe,
a causa da classe,

a força da classe –
 eis o que é o partido.
 O Partido e Lenin –
 são irmãos gêmeos –
 quem é mais
 valioso do que a mãe-história?
 Dizemos Lenin,
 subentendemos –
 Partido,
 Dizemos
 Partido,
 subentendemos –
 Lenin.
 Ainda
 são montanhas
 de cabeças coroadas,
 e os burgueses
 negrejam como gralhas no inverno,
 mas já
 o ardor
 da lava trabalhadora
 pela cratera do partido
 irrompe a terra.
 Nove de janeiro.
 Fim de Gapon.¹⁰
 Caímos,
 ceifados pelo chumbo tsarista.

¹⁰ Gapon – padre ortodoxo russo que liderou a rebelião do chamado Domingo Sangrento em 1905 (N. da T.)

O delírio
sobre o perdão tsarista
acabou
Com a batalha de Mukden
com o estalido de Tsushima.
Basta!
Não acreditamos
nas conversas alheias!
Com suas
próprias armas
levantou-se a Presnia.
Parecia –
que agora
acabaríamos com o trono,
depois dele
a poltrona burguesa
racharia também.
Ilitch já estava aqui.
Ele dia a dia
passava
com os operários
era o quinto ano.
Ele estava por perto
em cada barricada,
guiava
o desenrolar
do levante.
Mas logo
chegou
uma notícia astuta –
“liberdade”.

As pessoas puseram fitinhas,
o tsar
saiu no balcão
com manifesto.
E depois
de uma semana de lua de mel
“de liberdade”,
discursos,
fitas
e cantos harmônicos,
o ronco dos canhões
encobre com sua voz grave:
pelo sangue operário
fluía em nado
o almirante do tsar,
o algoz Dubassov.
Cuspiremos na cara
daquela porcaria branca,
que cicia
a respeito das crueldades do TcheKa!
Vejam,
como aqui,
presos pelos cotovelos,
Chicoteavam até a morte
os operários nos rostos.
A reação furiosa.
Intelectuaizinhos
fugiram de tudo,
e tudo estragaram.
Trancaram-se em casa,
pegaram velas,

fumam ládano –
os buscadores de Deus.
Ganiu o próprio
camarada Plerranov:
– Culpa de vocês,
confundiram, maninhos!
Deram partida
a barris de sangue!
Para que
à toa
pegar em armas. –
Lenin
nesse ganido incomum
varou com sua voz
disposta e sonora:
– Não,
é preciso
pegar em armas,
com mais
decisão e energia.
Vejo um dia de rebeliões novas.
A classe operária
se levantará.
Não é defesa –
é ataque. –
E esse ano
em espuma sangrenta
e essas feridas
no torno operário
serão
escola

de primeiro grau
no perigo e na tempestade
de futuros levantes.

E Lenin
de novo
em seu exílio
prepara –
nos
antes da batalha.

Ensina
e também aspira saber,
Novamente
reúne o partido

partido.
Veja –
greves
erguem-se no ano,
ainda –
ao levante saberás juntar-se.

Mas vejam
dos anos
se levantará
o décimo quarto mais velho.

Assim escrevem –
o soldado acende o cachimbo,
vai papear
sobre as marchas antigas,
mas esse
moedor de carne universal,
a qual comparar
a Poltava,

a Plevnia?!

O imperialismo
 em toda nudez –
 barriga de fora,
 de dentadura,
 e o mar de sangue
 lhe é raso –
 devora os países,
 levantando as baionetas.
 Ao seu redor
 seus bajuladores –
 patriotas –
 os Vovas¹¹ se adaptaram –
 escrevem,
 as mãos traidoras lavadas:
 – Trabalhador,
 brigue
 até a última gota de sangue! –
 A Terra –
 em montanha de ferro velho,
 nela
 andrajos e farrapos
 humanos.
 No meio
 do hospício inteiro
 o único são
 ergueu-se,
 Zimmerwald.

¹¹ Referente ao personagem Vova, filho burguês do vaudeville *Vova se adaptou*, de Mirovitch, muito popular nos anos da guerra imperialista (N. da T.).

Dali
 Lenin
 com um punhadinho de camaradas
levantou-se sobre o mundo
 e nos ergueu
as ideias
 mais claras
 do que qualquer incêndio,
a voz
 mais alta
 do que as canhonadas.
De lá –
 milhões
 com as canhonadas nos ouvidos,
cem mil sabres
 da cavalaria em movimento,
daí
 contra
 os sabres e os canhões, –
um homem
 com zigomas salientes
 e careca.
– Soldados!
 Os burgueses,
 após trair e vender,
enviam aos turcos,
 para lá de Werden,
 para a Dvina.
Basta!
 Transformemos
 a guerra dos povos

em guerra civil!

Basta

de destruições,
mortes e feridas,

as nações

não têm
culpa alguma.

Contra

a burguesia de todos os países
levantaremos

a bandeira
da guerra civil! –

Pensou-se:

logo
o canhão-forno

espirra fogo

e sopra com podridão,

depois vá,

procure a pessoa,

vá,

lembre-se do seu sobrenome.

Com a garganta das armas,

que cham e uivam,

uns aos outros

os países
gritam –
de joelhos!

A briga se finda,

e eis

que não há vencedores –

apenas venceu

o camarada Lenin.
Comilão do imperialismo!
Nossa
 paciência
 angelical esgotou-se.
Rompeu-se
 com a
 Rússia rebelada
desde Tavriz
 até Arrhanguelsk.
Império –
 isso não é galinha!
A águia bicuda
 com o poder de duas cabeças.
E nós,
 como guimbas fumadas,
simplesmente
 cuspimos
 em sua dinastia.
Grande,
 coberto de ferrugem de sangue,
o povo,
 faminto e esfarrapado,
irá para os Sovietes
 ou irá
 para o burguês
carregar,
 como antes,
 castanhas do fogo?
– O povo
 rompeu

O premiê
 não é poder –
 ponto de bordado!

Isso
 não é
 o Narkom¹⁴ grosseiro.

Uma moça –
 vá e alise!

Solta gritos histéricos,
 Canta em tenor.

Ainda
 não ganhamos
 sequer uma gotícula
das ditas
 liberdades de fevereiro,
mas os guardas –
 já estão com varas –
“marche, marche para o front,
 povo trabalhador”.

E para finalizar
 a paisagem gloriosa,
os que nos traíram
 antes
 e depois,
em torno
 feito vigias
 esses e Savinkovi,
mencheviques –
 feito gato sábio.

¹⁴ Narodni Komitet – Comitê Popular (N. da T.).

o poder
dos conciliadores e capitalistas!
Nós somos
a voz
da vontade dos de baixo,
dos operários de baixo
do mundo todo.
Viva
o partido,
que constrói o comunismo,
Viva
o levante
pelo poder aos Sovietes! –
Pela primeira vez
diante da multidão tonta
aqui mesmo,
diante de ti,
perto,
levantou-se
como um negócio
simples,
a palavra inalcançável –
“socialismo”.
Aqui mesmo,
das fábricas que apitam,
brilhando com o horizonte
em todo esplendor,
levantou-se
a comuna de trabalhadores
do amanhã –
sem os burgueses,

sem os proletários,
sem os escravos e senhores.
Pela grossura
das cordas conciliadoras
que envolviam
as palavras de Ilitch
com golpes de machados.
E a fala
interrompida
pelas avalanches do ronco:
“Certo, Lenin!
Certo!
É hora!”
A casa
de Kchessinkaia,
pelos esperneios
foi presenteada,
hoje –
é uma reunião.
Para cá flui
a multidão das fábricas,
aqui
é forjado
na ferraria de Lenin.
“Come ananás,
mastiga perdizes,
teu último dia
se aproxima burguês”.
Mete-se já
entre os sentados
nas cadeiras senhoris –

como estão

os que mastigam?

Experimentando,

em julho

pegaram pelo pescoço

e pela barriga.

Dentes de burgueses

arreganhados de vez.

– O escravo rebelou-se!

Com chicotes,

jogue-o no sangue! –

E a mãozinha

de Kerenski

aponta com a ordem –

mirar em Lenin!

Nas cruzes de Zinoviev!

E o partido

de novo

na clandestinidade.

Ilitch em Razliv,

Ilitch na Finlândia.

Mas nem o sótão,

nem a cabana,

nem o campo

entregarão

o líder

à banda selvagem.

Lenin não é visto,

mas está por perto.

Por isso,

o trabalho move-se de acordo

com
a ideia mestra
de Lenin,
percebe-se
a mão guia
de Lenin.
O melhor terreno
para as palavras de Ilitch:
caem,
e num instante
fazem o trabalho crescer
e ao lado
já
ao ombro do operário –
estão
milhões de ombros de camponeses.
E quando
restou
enfrentar as barricadas,
marcando o dia
na fileira de semanas,
Lenin
em pessoa
apareceu em Piter:
– Camaradas,
basta de lenga-lenga!
A opressão do capital,
a fome monstruosa,
o banditismo das guerras,
a intervenção ladra –
chega! –

parecem
 mais que pintas
no corpo da vovó,
 na história antiga. –
De lá,
 por alguns dias
 olhando de soslaio,
a cabeça
 de Lenin
 se vê primeiro.
Isso
 da escravidão
 de dez mil anos
aos séculos
 da comuna
 é um descanso.
Passarão
 anos
 de pesos de hoje,
no verão da comuna
 os anos se esquecerão,
e a felicidade
 com o doce
 de frutas enormes
amadurecerá
 nas flores
 vermelhas de Outubro.
E então
 nos que lerem
 as ordens de Lenin,
folheando as páginas

amareladas
 dos decretos,
 surgirão
 lágrimas
 que estão fora de uso,
 e o sangue
 com pressão
 baterá nas têmporas.
 Quando eu
 conluo
 o que vivi
 e remexo nos dias –
 o que com clareza
 mais me recordo
 é o mesmo –
 vinte e cinco,
 dia primeiro.
 Com baionetas
 agitam-se
 os estrondos de relâmpagos,
 os marinheiros
 com bombas
 brincam como se fossem bolas.
 Do apito
 o Smolni¹⁶
 treme em polvoroso.
 Nos cartuchos de balas

¹⁶ Primeira instituição educacional para mulheres na Rússia. Em 1917, se transformou em sede do partido de Lenin e, depois da revolução, até a capital ser transferida para Moscou, foi a residência de Lenin (N. da T.).

abaixo das metralhadoraszinhas.

– Stalin

chama

vossa senhoria.

À direita,

a terceira,

ele

está lá.

– Camaradas,

não parar!

Por que pararam?

Nos carros de guerra

em direção ao correio!

– Por ordem

do camarada Trotski! –

– Pronto! –

virou-se

e desapareceu rápido,

e apenas

na fita

da flotilha

por baixo da lâmpada

brilhou –

“Aurora”.

Quem corre com a ordem,

quem na multidão dos que discutem,

quem puxou

o gatilho

no joelho esquerdo.

Para cá

daquela ponta do enorme corredor

de lado
 caminhou
 Lenin imperceptivelmente.

Levados
 por Ilitch
 para as batalhas,
ainda
 sem conhecê-lo
 pelos retratos,
empurrando,
 gritavam,
 mais que as lâminas,
os soldados uns aos outros
 dando cobertura.

E nessa desejada
tempestade de ferro
Ilitch
 parecia
 até com cara de sono,
marchava,
 levantava-se
 e apertando os olhos
cravava,
 com as mãos
 atrás das costas.

Num certo rapaz
 em andrajos,
 descabelado,
fixou o olhar
 que não errava a mira,
e parecia

expulsar o coração
por debaixo das palavras,
como se
a alma
arrastava por baixo das frases.
E sabia eu
que tudo
fora desvendado e compreendido
e com esse
olhar
seria apreendido –
o grito camponês,
os gritos do front,
a vontade dos de Nobel,
e a vontade dos de Putilov.¹⁷
Ele
na caixa do crânio
remexeu centenas de regiões,
carregou
pessoas
até meio milhão.
Ele
ponderava
o mundo
durante à noite,
e pela manhã:
– A todos!
– A todos!
– A todos isso –

¹⁷ Os trabalhadores das fábricas de Nobel e de Putilov (N. da T.).

às frentes,
 aos embriagados de sangue,
aos escravos
 de qualquer espécie,
para os escravos
 dados aos ricos. –
Poder aos Sovietes!
Terra aos camponeses!
Paz aos povos!
Pão aos famintos! –
Os burgueses
 leram
 – esperem,
 prenderemos,
empurram as barrigas
 na dúvida cruel –
já, já lhe mostrarão
 Durrnin com Kornilov,
mostrarão lhe já, já
 Gutchkov com Kerenski.
Mas no front
 sem batalhas
 essas palavras tomaram –
a aldeia
 e a cidade
 de decretos cheios,
e até mesmo
 dos analfabetos
 queimou o coração.
Sabemos,
 não é para nós,

mas a eles mostraram,
como acontece esse
“já”.

Passava
dos de perto para os próximos,
dos próximos
aos distantes explodia os corações:
“Paz às cabanas,
guerra,
guerra,
guerra aos palácios!”

Brigavam
em qualquer fábrica e oficina,
com estrondo
expulsavam das cidades,
e por trás
a marcha de outubro
mirava os andares superiores
em chamas
das mansões dos nobres.

A terra –
é forro por baixo de suas calças,
e de repente
a ela,
como pão na trouxa,
com todas as fontes e
seus afluentes
o camponês pegou,
apertou com raiva.

De óculos
os de camisa de punho

escarravam de raiva
 arrastavam-se para lá
 onde há reino e condado.
 Sigam seu caminho!
 Vamos ensinar até mesmo a toda
 cozinheira
 a administrar o estado!
 Vivemos
 até agora
 com a produção em rotação.
 Das trincheiras
 voava
 para os ouvidos alemães:
 – É hora de acabar!
 Saíam para confraternizar-se! –
 E o front
 espalhava-se
 pelos caramujos dos vagões.
 Será que para um fluxo
 desses
 basta uma palma?
 Parecia –
 que nosso barquinho adernava –
 a bota de Guilherme,
 as esporas de Nikolai
 apagarão
 as fronteiras do país soviético.
 Foram os *esses*
 de capas e camisas pagãs,
 capturavam os que corriam
 com palavras vadias,

carregavam

como cavaleiros,

com a espada tola

é bonito

combater

os monstros blindados!

Ilitch

aos que cantavam de galo

gritou:

– Parados!

Que o partido

descarregue

este peso também.

Vamos

descansar desse Brest sujo.

A perda – é espaço,

o ganho – é tempo, –

para não morrer

para

nós em descanso.

Para que soubesse –

lembrarão os golpes meus,

não fui

adestrado –

mas conscientemente disciplinado,

a formar-me

em fileiras

do Exército Vermelho.

Os historiadores

com as hidras rasgam os cartazes

– havia uma hidra,

e não há mais? –
Mas nós
conhecíamos
essa hidra
em seu
tamanho natural.
“Com coragem ao combate
Pelo poder dos Sovietes
E cada um há de morrer
Na luta por essa causa!”

Denikin está vindo.
Denikin será expulso,
erguerão o lar
derrubado pelo canhão.
E Vranguel virá
no lugar de Denikin.
Largarão o barão –
já Koltchak.
Comemos casca,
pernoitamos no pântano,
mas fomos
com milhões de estrelas vermelhas,
e em cada uma – Ilitch,
cuidando de cada um
no front
de onze mil quilômetros.
De onze mil quilômetros
a circunferência,
e muito mais
de comprimento e largura!

Mas, é preciso atacar
cada casa,
cada um
o inimigo
esperava na passagem.
O *esser* com o monarquista
espionam insones –
onde picam as cobras,
onde cortam cabeças.
Você sabe
o caminho
para a fábrica de Mihelson?¹⁸
Vai encontrar
pelo sangue
das feridas de Ilitch.
Os *esses*
miram
não muito certo –
com a outra ponta
acertam
sua própria sobrancelha.
Mas é mais terrível que bombas
e que balas de revólveres
o assédio da fome,
o assédio dos tifos.
Vejam –
voam em volta
as moscas sobre as migalhas,
estão mais satisfeitas

¹⁸ Fábrica em que Kaplan atirou em Lenin (N. da T.).

do que nós
 em dezoito, –
 ficamos em fila
 pelo pão
 dia inteiro
 na rua
 no frio.
 Se querem plantem,
 se querem, envenenem –
 a fábrica por uma batata –
 quem precisa dela!
 O estaleiro
 de dez blocos
 apitava
 e rangia
 dos esqueros¹⁹.
 E os *kulaks*
 tinham óleo e brioches.
 A conta dos *kulaks*
 é simples e certa –
 esconder os pães
 e enterrar nos celeiros
 os nikolaievki
 e os kerenki.²⁰
 Sabemos –
 a fome

¹⁹ Entre 1920 e 1921, os trabalhadores, por causa da falta de metal e carvão, produziam esqueros, pedras que, quando em brasa, estalavam no fogo e produziam certos ruídos (N. da T.).

²⁰ Notas de dinheiro à época da Revolução, receberam os nomes por causa do tsar Nikolai e de Kerenski (N. da T.).

varre limpo,
é preciso o aperto
e não a carícia da cera,
e Lenin
se levanta
para lutar com os *kulaks*
e com as prodotriadi²¹
e prodrazverstka.²²
Será
que nessa época
a palavra “democrata”
em forma de delírio
entrará na cabeça?!
Se é para bater,
então que seja de forma
que a calçada fique molhada:
a chave das vitórias –
na ditadura de ferro.
Vencemos,
mas estamos
em prejuízo:
a máquina parou,
as roupas
são trapos.
São amontoados de restos!
São trapos de tapeçaria!

²¹ Por falta de produtos alimentícios, em 1918, soldados e marinheiros formaram destacamentos que tinham como objetivo fornecer alimentos ao Exército Vermelho e aos moradores de centros industriais (N. da T.).

²² Programa em que os produtores eram obrigados a entregar ao Estado, de acordo com uma norma, o que produziam e por preços estabelecidos pelo Estado (N. da T.).

Derramem!

Peguem e lavem.

Onde é o porto?

Os faróis

quebraram-se no porto,

adornando,

com os mastros

cruzando as ondas!

Seremos lançados –

no bordo direito

com cem milhões

de carga de camponeses.

Os inimigos estão exaltantes,

entoam gemendo,

mas assim

apenas Ilitch sabia e podia –

de repente

virou

a roda do leme

logo

desviando em vinte rotas.

E logo o silêncio

que até nos assusta;

os camponeses

trazem o pão

ao embarcadouro.

Anúncios simples

– venda –

– compra –

– nep.²³

Lenin apertou os olhos:

– Façam por ora,
aprendam o *archin*,²⁴
se não aprenderem
– estão mal. –

A margem

balançava
a turma cansada.

Nos acostumamos

à tormenta,
que ardil é esse?

O golfo

indicado
por Lenin é profundo

e o ponto

de articulação-atracação
foi encontrado,

e suavemente

no mundo,
para a construção do dique,

entrou

o colosso das repúblicas Soviéticas.

E Lenin

em pessoa
o ferro,
o tronco

carregou

²³ Nova Política Econômica (N. da T.).

²⁴ Medida equivalente a 0,71 metros (N. da T.).

para abrir
o caminho.
Com lâminas de aço
levantou
e mediu
as cooperativas,
as bancas
e as empresas.
E novamente
Lenin
é o comandante,
luzes a bordo,
na frente e atrás.
Agora,
depois de abordagens e tormenta
passaremos
para o ataque do trabalho.
Nos
desviamos,
acertando as contas.
Alguém se deitou –
à margem
para lá do navio.
Agora, em frente!
É fim do recuo.
PCR
ponha a turma a bordo!
Comuna – cem anos,
o que lhe são dez dias?
Em frente –
e no passado

se esconderá o nepizinho.
Nos moveremos
cem vezes mais lentos,
porém,
mil vezes
mais resistentes e fortes.
Sob esse
fenômeno pequeno burguês
ainda
se agita
a maré morta,
mas, as nuvens
calmas
uivam com raios,
já –
cresce
a tempestade mundial.
O inimigo
substitui
o inimigo que rareia,
que seja –
sobre o mundo
acenderemos os céus
– mas fazer isso
é bem
mais útil,
do que
sobre isso escrever. –
Agora,
se bebem
e se comem,

negro,
branco
e colorido –
formam-se
sob a bandeira da Comintern.
Os pilares do imperialismo,
colunas inexoráveis –
os burgueses
dos cinco cantos do mundo,
com respeito
suspendem
as cartolas e coroas,
reverenciam
a república Soviética de Ilitch.
Não
tememos
os esforços de ninguém,
vamos
em frente
com o trem do trabalho...
De repente
uma notícia terrível –
Ilitch
sofreu um ataque.
Se expuser
no museu
o bolchevique em lágrimas,
um dia inteiro então
no museu
passariam os vagabundos.
É claro –

jamais se verá
em um século isso!
As estrelas de cinco pontas
foram cunhadas em nossas costas
pelos voievodas²⁶ dos senhores.
Vivos
nos enterraram
até a cabeça na terra
os bandos de Mamontov.
Nos fornos dos trens
os japoneses nos queimaram,
enchiam a boca de chumbo e estanho,
renunciem! – uivavam,
mas das
gargantas em fogo
apenas três palavras:
– Viva o comunismo! –
Cadeira atrás de cadeira,
fileira em fileira
esse aço,
esse ferro
irrompia
no vinte e dois de janeiro
no prédio de cinco andares
do congresso dos Sovietes.
Acomodavam-se,
faziam chacotas,
resolviam

²⁶ Chefe militar e governador de província na Rússia dos séculos XVI-XVIII (N. da T.).

rápido
coisas pequenas.
É hora de abrir!
Por que a demora?
Por que
a presidência
está tão abatida?
Por que
os olhos
estão mais vermelhos que os camarotes?
O que há com Kalinin?
Mal para de pé.
Alguma desgraça?
Qual?
Não é possível!
E se for com ele?...
Não!
Será?
O teto
caiu
sobre nós feito um corvo.
Baixaram as cabeças –
abaixem mais!
De repente tremeram
e ficaram negras
as luzes em chama dos lustres.
Engasgou
o somido do sininho desnecessário.
Superou a si
e levantou-se Kalinin.
Impossível engolir

as lágrimas dos bigodes e das bochechas.
 Traíram.
 Brilham no cavanhaque.
 As ideias se embaralharam,
 esmagam a cabeça.
 O sangue nas têmporas
 bate na veia:
 – Ontem
 às seis horas e cinquenta minutos
 Faleceu o camarada Lenin! –
 Esse ano
 viu
 o que cem não verão.
 O dia
 para os séculos
 será uma triste lenda.
 O terror
 espremeu o gemido
 do ferro.
 Um choro correu
 pelos bolcheviques.
 O peso é terrível!
 A si mesmos
 levavam de arrastão.
 Descobrir –
 como e quando?
 O que estão escondendo?
 Em catafalco
 pelas ruas
 e travessas
 fluía

Aqui
cada pedra
conhece Lenin
pelo tropel
dos primeiros
ataques de outubro.

Aqui
tudo
que cada bandeira
bordou
foi pensado por ele
e ordenado por ele.

Aqui
cada torre
ouviu Lenin,
e por ele
iria
para o fogo e a fumaça.

Aqui
cada
trabalhador
conhece Lenin,
o coração dele
com ramos de pinheiros forraram.
Ele levava para a batalha,
e a vitória profetizava,
e eis que
o proletariado –
é dono de tudo.

Aqui
cada camponês

o nome de Lenin
no coração
 inscreveu
 com mais paixão, do que os dos santos.
Ele
 mandou
 as terras chamar de suas,
um sonho dos avós,
 açoitados,
 que estão em caixões.
E os comunardos
 desde a praça Vermelha,
pareciam,
 cochichar: – Querido e bondoso!
Viva,
 e não é preciso
 um destino mais maravilhoso –
cem vezes lutaremos
 e nos túmulos deitaremos! –
Agora
 soariam
 as palavras do milagreiro,
para que morrêssemos
 e o despertassem, –
a represa das ruas
 abriria as comportas,
e com a canção
 para a morte
 iriam as pessoas.
Mas não há milagres,
 e não se deve pensar neles.

Há Lenin,
caixão
e ombros encurvados.
Ele era um humano
até o fim do humano –
carregue
e se castigue
com a tristeza humana.
Nunca
um peso
precioso assim
foi
carregado
pelos nossos oceanos,
como este caixão vermelho
até a Casa dos Sovietes
navegando
nas costas dos choros e das marchas.
Ainda
em guarda
pôs-se de honra
o exército severo
do porte de Lenin,
e as pessoas
já
aguardam, paradas
em toda extensão
da Tversakaia
e da Dmitrovka.
Em dezessete
era –

para a fila
do pão não enviava a filha –
e no dia seguinte comia!
Mas nessa
fria
e terrível fila
com crianças e com doentes
estavam todos.
As aldeias
erguiam-se
ao lado da cidade.
A desgraça com bravura,
ou tilintar infantil.
A terra do trabalho
passava em desfile –
vivo
com o balanço
da vida de Lenin.
O sol amarelo,
estrábico e carinhoso,
surgirá,
e os raios jogará aos pés.
Parecem
esquecidos,
chorando a esperança,
curvando-se na desgraça,
passam os chineses.
Emergiam
noites
nas costas dos dias,
as horas,

confundindo as datas.
Parecia
que não era noite
e que não havia estrelas,
choram
sobre Lenin
os negros dos EUA.
O frio nunca visto
queimava as solas.
As pessoas
passam dias e noites
ao tumulto.
Até mesmo
do frio
bater palmas
Ninguém se atrevia –
não pode,
não é hora.
O frio pega de jeito
e arrasta,
como se
estivesse
tirando a prova do amor.
Entra na multidão.
Enfia-se no tumulto,
ingressa
junto com a multidão atrás das colunas.
Os degraus crescem,
espalham-se como recifes.
E eis que
silenciam

a respiração e o canto,
é perigoso pisar –
sob os pés há um abismo –
um abismo sem fundo
de quatro degraus.
O abismo
da escravidão em cem gerações,
onde conhecem
apenas o soar tilintante do ouro.
O abismo
e a margem –
são o caixão e Lenin,
e depois –
a comuna
em todo horizonte.
O que se vê?!
Apenas sua testa, apenas,
e Nadejda Konstantinovna
na névoa
atrás...
Pode ser que
nos olhos sem lágrimas
enxerga-se mais.
Não olhei
em
olhos assim.
A seda
das bandeiras que fluem
inclina-se
com a última
honra dada:

“Então, adeus, camarada,
você passou com honestidade
seu caminho glorioso, honroso”.

Medo.

Feche os olhos
e não olhe –
parece
que caminhas
pelo arame do fio.

Como se
no minuto
um a um
ficou
com a enorme
e única verdade.

Sou feliz.
A água da marcha que soa
leva
meu corpo imponderável.

Eu sei –
a partir de agora
e para sempre
em mim
esse minuto
é o minuto.

Sou feliz,
que sou
a força dessa partícula,
que são comuns
até mesmo as lágrimas dos olhos.

Impossível

com mais força
e mais pureza comungar
do grande sentimento
chamado –
classe!

As asas
das bandeiras
baixam de novo,
para amanhã
novamente
levantarem-se para as batalhas –
“Nós mesmos, querido, fechamos
Seus olhos de águia”.
Para não cair,
ombro a ombro,
bandeiras em luto
e vermelhas por séculos,
na última
despedida de Ilitch
caminhavam
e demoravam ao mausoléu.
Cumriam o cerimonial.
Falavam discursos.
Falam – tudo bem.
Para a desgraça
um minuto
é pequeno –
será que seria
possível
dizer tudo sobre o querido!

Passarão

Com dor
abriu
a visão triste,
quase congelado
parado sem respirar.
Surge
diante de mim
no clarão das bandeiras
uma bola
escura
terrestre e imóvel.
Sobre o mundo está o caixão,
imóvel e mudo.
Ao caixão –
nós,
representantes do povo,
para com as tempestades das rebeliões,
das coisas e dos poemas
multiplicarmos aquilo
que hoje não vimos.
Mas eis
que de longe,
de lá
do púrpuro
para o frio,
na guarda nossa que se calava,
uma voz –
como se fosse de Muralov –
“Caminhe em marcha”.
Essa ordem
é desnecessária –

no colchão pulguento.
Camarada secretário!
Tome –
eis!
Pedimos para filiar
ao núcleo de Ierkapov
de uma vez
coletivamente,
a fábrica toda... –
Os burgueses
olham
de olhos esbugalhados,
tremem
com o tropel de pés fortes.
Quatrocentos mil
das máquinas quentes –
É de Lenin
a primeira
coroa do partido.
– Camarada secretário,
pegue a caneta...
Dizem –
substituiremos...
É necessário...
Já sou velho –
pegue o netinho,
não é pior –
ofereça ao komsomol. –
Frota protegida,
levante as âncoras,
é tempo

de as topeiras anfíbias
irem para o mar.
“Pelos mares,
pelos mares,
hoje aqui,
amanhã lá”.
Mais alto, sol!
Serás testemunha –
mais rápido
alise o luto na boca.
No passo
dos adultos
entram as crianças –
Trá-ta-ta-tá-tá
Tá-ta-ta-tá.
“Um,
dois,
três!
Pioneiros somos.
Não tememos os fascistas
enfrentaremos as baionetas”.
Em vão
o kulak da Europa levantou-se.
Cobrimos de estrondo.
Para trás!
Como ousam!
Tornou-se
grandiosa
organizadora-comunista
até mesmo
a própria

morte de Ilitch.
Já
sobre as chaminés
do monstruoso arvoredor,
as mãos
de milhões
de hastes inclinadas
de bandeira vermelha,
a Praça Vermelha
sobe,
levanta-se
com arranque forte.
Dessa bandeira
de cada dobra
novamente
vivo
Lenin conclama:
– Proletários,
formem-se
para a última batalha!
Escravos,
endireitem
as colunas e os joelhos!
Exército dos proletários,
levante-se esguiol!
Viva a revolução,
radiante e veloz!
Essa –
é a única
grande guerra
de todas
que a história já viveu.

AS TRÊS FONTES E TRÊS PARTES COMPONENTES DO MARXISMO*

Vladimir I. Lenin

Em todo o mundo civilizado, os ensinamentos de Marx atraem para si uma enorme hostilidade e ódio da parte de toda a ciência burguesa (seja estatista ou liberal), a qual vê no marxismo algo como uma “seita perigosa”. Não se deve esperar nenhuma outra atitude, já que numa sociedade erigida sobre a luta de classes não podem existir ciências sociais “neutras”. De uma forma ou de outra, *toda* ciência estatista ou liberal *defende* a escravidão assalariada, enquanto o marxismo declarou uma guerra implacável contra essa escravidão. Esperar que haja ciência imparcial numa sociedade com escravidão assalariada é uma ingenuidade tão absurda quanto esperar que os fabricantes sejam neutros quando lhes questionam se é preciso aumentar os salários dos operários diminuindo os lucros do capital.

Mas não é só isso. A história da filosofia e a história das ciências sociais mostram com clareza meridiana que no marxismo não há nada semelhante a um “sectarismo” no sentido de algum ensinamento fechado, rígido, surgido *separadamente* do caminho principal da evolução da civilização mundial. Ao contrário, toda a genialidade de Marx consiste exatamente em ele ter dado respostas a perguntas já feitas pelos pensadores progressistas da humanidade. Seus ensinamentos surgiram como uma *continuação*

direta e natural dos ensinamentos dos maiores representantes da filosofia, da economia política e do socialismo.

Os ensinamentos de Marx são inquebrantáveis porque são corretos. Eles são completos e coerentes, dando às pessoas uma visão integral de mundo, irreconciliável com toda superstição, todo reacionarismo e toda defesa do jugo burguês. Constituem a herança legítima do melhor que a humanidade criou no século XIX, na forma da filosofia alemã, da economia política inglesa e do socialismo francês.

Vamos nos deter brevemente sobre essas três fontes e, ao mesmo tempo, partes componentes do marxismo.

I

A filosofia do marxismo é o *materialismo*. Ao longo de toda a história contemporânea da Europa, e em particular no fim do século XVIII, na França, onde havia irrompido um combate encarniçado contra todo tipo de tralha medieval, contra a servidão nas instituições e nas ideias, o materialismo se revelou a única filosofia consequente, fiel a todas as descobertas das ciências naturais, hostil às superstições, à carolice e similares. Por isso, os inimigos da democracia tentaram com todas as forças “refutar”, desmontar e difamar o materialismo e defenderam formas diversas de idealismo filosófico, sempre reduzido, de um jeito ou de outro, ao apoio ou defesa da religião.

Da maneira mais decidida, Marx e Engels advogaram o materialismo filosófico e desvelaram reiteradamente a profunda falsidade de cada desvio desse fundamento. As formulações mais claras e detalhadas de suas visões se encontram nas obras *Ludwig Feuerbach [e o fim da filosofia clássica alemã]* e *O Anti-Dühring*, de Engels, que – à semelhança do *Manifesto Comunista* – são os livros de cabeceira de qualquer operário consciente.

Marx, porém, não se deteve no materialismo do século XVIII, mas fez a filosofia avançar. Ele a enriqueceu com os aportes da filosofia clássica alemã, sobretudo do sistema de Hegel, que por sua vez conduziu ao materialismo de Feuerbach. Desses aportes, o principal foi a *dialética*, isto é, a doutrina do desenvolvimento em seu aspecto mais pleno, profundo e isento de unilateralismo, a doutrina da relatividade do conhecimento humano, que nos dá a imagem da matéria em evolução perpétua. As mais recentes descobertas das ciências naturais – o elemento rádio, os elétrons, a transformação dos elementos – comprovaram admiravelmente o materialismo dialético de Marx, em detrimento das doutrinas dos filósofos burgueses com suas “novas” recaídas no velho e podre idealismo.

Aprofundando e desenvolvendo o materialismo filosófico, Marx o levou até o fim, estendendo sua compreensão da natureza à compreensão da *sociedade humana*. A mais alta conquista do pensamento científico é o *materialismo histórico* de Marx. O caos e o arbítrio que até então reinavam nas visões sobre a história e a política espantosamente deram lugar a uma teoria científica integral e coerente, que mostra como a partir de determinada formação social desenvolve-se, na sequência do aumento das forças produtivas, outra formação, mais elevada – por exemplo, do feudalismo nascendo o capitalismo.

E exatamente tal como a compreensão do homem, independentemente dele, reflete a natureza existente, isto é, a matéria em desenvolvimento, da mesma forma a *compreensão social* do homem (ou seja, as diversas visões e doutrinas filosóficas, religiosas, políticas etc.) reflete a *estrutura econômica* de uma sociedade. As instituições políticas constituem uma superestrutura sobre a base econômica. Vemos, por exemplo, como as diversas formas políticas dos Estados europeus modernos servem para reforçar o domínio da burguesia sobre o proletariado.

A filosofia de Marx é o materialismo filosófico finalizado, que deu à humanidade, em particular à classe operária, grandes ferramentas de conhecimento.

II

Reconhecendo que a estrutura econômica constitui a base sobre a qual se ergue a superestrutura política, Marx dedicou sua atenção, antes de tudo, a conhecer essa estrutura econômica. Principal trabalho de Marx, *O capital* é consagrado ao estudo da estrutura econômica da sociedade atual, isto é, capitalista.

Antes de Marx, a Economia Política clássica havia amadurecido na Inglaterra, o país capitalista mais desenvolvido. Adam Smith e David Ricardo, pesquisando a estrutura econômica, deram início à *teoria do valor-trabalho*. Marx continuou o trabalho deles e deu um fundamento sólido e um desenvolvimento lógico a essa teoria. Ele mostrou que o valor de toda mercadoria é definido pela quantidade do tempo de trabalho socialmente necessário que decorre ao se produzir a mercadoria.

Lá onde os economistas burgueses viam uma relação entre coisas (a troca de uma mercadoria por outra), Marx revelou *relações entre pessoas*. A troca de mercadorias expressa uma ligação entre produtores individuais sob a intermediação do mercado. O *dinheiro* significa que essa ligação está se tornando cada vez mais estreita, unificando irreversivelmente a vida econômica inteira dos produtores individuais num todo único. *O capital* indica o desenvolvimento subsequente dessa ligação: a força de trabalho do homem se torna mercadoria. O operário assalariado vende sua força de trabalho ao proprietário da terra, da fábrica, dos instrumentos de trabalho. O operário emprega uma parte de seu dia de trabalho para cobrir as despesas que mantenham a si e à sua família (salário), e na outra parte de seu dia o operário trabalha

de graça, criando a *mais-valia* para o capitalista, a fonte do lucro, a fonte da riqueza da classe capitalista.

As lições sobre a *mais-valia* são a pedra angular da teoria econômica de Marx.

O capital, criado com o trabalho do operário, oprime o mesmo operário, arruinando os pequenos fabricantes e formando um exército de desempregados. Na indústria, o triunfo da grande produção é imediatamente visível, mas na agricultura também vemos o mesmo fenômeno: a superioridade da grande lavoura capitalista está aumentando, o emprego de máquinas está crescendo, a economia camponesa, em declínio e ruína sob o jugo de uma técnica atrasada, está caindo no laço do capital financeiro. Na agricultura há diferentes formas de decadência da pequena produção, mas a decadência em si é um fato indiscutível.

Suprimindo a pequena produção, o capital conduz ao incremento da produtividade do trabalho e à formação de uma posição monopolística ocupada pelas alianças entre grandes capitalistas. A produção em si está se tornando cada vez mais social – centenas de milhares e milhões de operários são postos em ligação num organismo econômico planejado –, mas o produto do trabalho comum é apropriado por um punhado de capitalistas. Estão crescendo a anarquia na produção, as crises, a busca treloucada por mercados e a penúria material do grosso da população.

Aumentando a dependência do operariado face ao capital, o regime capitalista forma uma grande força de trabalho unificada.

Marx examinou a evolução do capitalismo desde os primeiros germes da economia mercantil, desde a simples troca até suas formas superiores, até a grande produção.

E a experiência de todos os países capitalistas, tanto os velhos quanto os novos, mostra a um número cada vez maior

de operários, ano após ano e de forma patente, a justeza desse ensinamento de Marx.

O capitalismo triunfou no mundo inteiro, mas essa vitória constitui apenas a antessala da vitória do trabalho sobre o capital.

III

Quando a servidão foi abolida e apareceu nesse mundo de Deus a sociedade capitalista “*livre*”, logo se descobriu que essa liberdade significava um novo sistema de opressão e exploração dos trabalhadores. Variadas doutrinas socialistas começaram rapidamente a surgir, como uma réplica a esse jugo e um protesto contra ele. Mas o socialismo inicial era um socialismo *utópico*. Ele criticava a sociedade capitalista, condenava-a e amaldiçoava-a, sonhava com sua destruição, fantasiava sobre o melhor dos regimes, convencia os ricos quanto à imoralidade da exploração.

Mas o socialismo utópico não podia indicar uma saída efetiva. Ele era incapaz de desvelar a essência da escravidão assalariada sob o capitalismo, de descobrir as leis de seu desenvolvimento e de encontrar a *força social* que está apta a se tornar a artífice de uma nova sociedade.

Além disso, as explosivas revoluções que acompanhavam a queda do feudalismo e da servidão por toda a Europa, em particular na França, demonstravam com crescente evidência que a base e a força motora de todo desenvolvimento são a *luta de classes*.

Nenhum triunfo da liberdade política sobre a classe senhorial foi conquistado sem uma resistência encarniçada. Nenhum país capitalista se estabeleceu sobre bases mais ou menos democráticas sem uma luta mortífera, e não pacífica, entre as diversas classes da sociedade capitalista.

A genialidade de Marx consiste em ele ter, antes de todos, sabido tirar daí e levar às últimas consequências a conclusão

ensinada pela história mundial. Essa conclusão é a doutrina da *luta de classes*.

As pessoas sempre foram e sempre serão vítimas ingênuas do engano e do autoengano em política, enquanto não aprenderem algo além de qualquer proclamação ou fraseado moral, religioso, político ou social prometendo decifrar os *interesses* destas ou daquelas classes. Os partidários de reformas e melhorias sempre serão enganados pelos defensores do antigo enquanto não entenderem que toda velha instituição, por mais bruta e carcomida que pareça, escora-se nas forças destas ou daquelas classes dominantes. E para esmagar a resistência dessas classes, existe *apenas um* meio: encontrar na própria sociedade que nos circunda, esclarecer e organizar para a luta aquelas forças que podem – e *devem*, dada sua posição social – reunir a força capaz de varrer o velho e criar o novo.

Somente o materialismo filosófico de Marx indicou ao proletariado a saída da escravidão espiritual em que vegetavam até hoje todas as classes oprimidas. Somente a teoria econômica de Marx desvelou a verdadeira situação geral do proletariado no regime capitalista.

Em todo o mundo, da América ao Japão e da Suécia à África do Sul, multiplicam-se as organizações independentes do proletariado. Com educação e esclarecimento, ele está conduzindo sua luta de classes, livrando-se dos preconceitos da sociedade burguesa, coligando-se em ascendente união, aprendendo a avaliar a medida de seus sucessos, aguerrindo suas forças e crescendo impetuosamente.

Nota

* O artigo “*As três fontes e três partes componentes do marxismo*” foi escrito por V. I. Lenin para o 30º aniversário da morte de Karl Marx e publicado na revista *Prosvetshenie* (*Esclarecimento*), n. 3, 1913.

“*Prosvetshenie*” foi uma revista teórica bolchevique que saía legalmente

todo mês; foi editada em São Petersburgo de dezembro de 1911 a junho de 1914. A tiragem da revista chegava a 5 mil exemplares.

A revista foi criada por iniciativa de V. I. Lenin para substituir a revista bolchevique *Mysl* (*Pensamento*), publicada em Moscou e fechada pelo governo tsarista. Participaram da revista V. V. Vorovski, A. I. Ulianova-Ielizarova, N. K. Krupskaja, V. M. Molotov, M. S. Olminski, I. V. Stalin e M. A. Saveliev. Para dirigir a seção de literatura de *Prosveschenie*, Lenin chamou A. M. Gorki. De Paris, e depois de Cracóvia e Poronin, Lenin dirigia *Prosveschenie*, redigia artigos e conduzia uma correspondência regular com membros do conselho editorial. Na revista foram publicados os trabalhos de Lenin “As três fontes e três partes componentes do marxismo”, “Notas críticas sobre a questão nacional”, “Sobre o direito das nações à autodeterminação”, entre outros.

A revista desmascarava os oportunistas (liquidacionistas, otzovistas, trotskistas), bem como os nacionalistas burgueses, esclarecia a luta da classe operária nas condições de uma nova ascensão revolucionária e fazia a propaganda das palavras de ordem bolcheviques na campanha eleitoral para a 4ª Duma de Estado; ela atuava contra o revisionismo e o centrismo nos partidos da 2ª Internacional. A revista desempenhou um importante papel na educação internacional marxista dos trabalhadores de vanguarda da Rússia.

Às vésperas da Primeira Guerra Mundial, a revista *Prosveschenie* foi fechada pelo governo tsarista. Na primavera de 1917 a edição do jornal foi retomada, mas saiu apenas um número (duplo), no qual foram publicados os trabalhos de Lenin “Os bolcheviques vão conservar a direção do Estado?” e “Para a revisão do programa do Partido”.